

Memória Sobre Meios à Necessária Coexistência e Auto-Suficiência

José Adirson de Vasconcelos

BENS DE CONSUMO

Já se torna um hábito ou um chavão enfadonho, porém verdadeiro, ouvir-se de habitantes de Brasília, em reuniões informais ou mesmo protocolares, o desabafo de que "esta cidade é cansativa... monótona... sem atrativo... sem calor humano... desumana".

E não tiremos a razão daqueles que assim racionam, porque têm justificados motivos para tanto.

Isto, porque duas justificativas logo ocorrem a ponderar a lucidez dos que expressam tal raciocínio.

Uma, de sentido antropológico; outra, de ordem sociológica relativa à coexistência social.

Ambas de real significado. E ambas a se conjugarem para exercer impactos e conflitos interiores.

Inadaptação e Conflitos

Quando à primeira - de sentido antropológico - vale lembrar que brasileiros das mais diversas regiões, vivem hoje em Brasília.

Como não se pode desconhecer, o Brasil pelas suas dimensões, pelas diferenças climáticas e pela formação somática, psicológica e cultural dos seus habitantes nas variadas regiões, revela-se um País com características continentais.

Por igual, os antecedentes históricos e geográficos foram tão geradores de diferenças, no nosso País, que o sociólogo Gilberto Freyre, ao analisá-los, chegou a afirmar que "variavam nos brasileiros a forma da cabeça, a cor da pele, a altura ou a estrutura, e parece que a reação psicológica a estímulos semelhantes, do mesmo modo que a reação cultural a estímulos também semelhantes".

Assim, tipos étnicos os mais diversos migraram para o novo meio físico, bioquímico, urbanístico e cultural que Brasília representa. E, em consequência, todo um complexo de peculiaridades regionais acentuadas: regimes alimentares artísticos, condições econômicas, sociais e culturais etc.

E toda essa gama de peculiaridades - étnicas e de costumes - tem afluido para Brasília, e, como que, cai num vazio.

Primeiro, porque não tem como se integrar para a formação de um grupo considerável de mesmas características.

Segundo, porque não encontra em Brasília um "modus vivendi" ou um modelo-padrão ao qual se incorporar ou se adaptar, hibridando-se ou miscigenando-se.

Dal os impactos e conflitos interiores gerados pela falta de integração ao novo meio e que se traduzem nos desabafo rotineiros de que "esta cidade é cansativa... monótona... sem atrativo... sem calor humano... desumana".

Tal fato se constitui no fenômeno social da falta de adaptação às novas condições encontradas.

Coexistência Social

Dal a hipótese inicialmente levantada sobre o segundo problema gerador de inadaptações, ou seja, a falta de coexistência social. Ressalte-se que Brasília, sob o aspecto físico ou bioquímico, não oferece problema; pelo contrário.

Caso a administração local tivesse, já, oferecido à cidade as três graduações de vida previstas pelo Plano Piloto de Lúcio Costa, Brasília já disporia, hoje, plenamente, dos requisitos indispensáveis ao convívio dos grupos e da expansão dos sentimentos.

Dentro do espírito do Plano de Brasília, convém recordar que a Capital do País foi concebida para três etapas de construções, que poderiam ser executadas simultaneamente ou não.

A primeira e segunda etapas - os centros administrativos e residências com os respectivos serviços públicos tradicionais - têm sido atingidas dentro das prioridades de transferência dos órgãos e funcionários para a nova sede do Governo.

A terceira etapa que seria a "gregária" ou "a vida das famílias", segundo o próprio Lúcio Costa, esta não acompanhou, proporcionalmente, o ritmo impresso às duas outras. Está parcialmente realizada.

Desta forma, faltam aqueles fatores essenciais que dariam aos habitantes dos conjuntos residenciais meios eficientes à coexistência, à especulação intelectual, ao devaneio e às amenidades.

Todos estes fatores estão previstos e sugeridos pelo Plano Piloto: os clubes de vizinhança, os campos de feição naturalista e rústica na orla do Lago, os gramados, os jardins, os arvoredos, os bosques, os passeios, e, por que não dizer também, as escolas-parque. Não podem ser, igualmente, esquecidos o Espaço Cultural e o Camping, em obras.

E foi em razão disso que, certa feita, Lúcio Costa afirmou que a cidade estava "capenga". Faltava a ela aquilo que a tornaria uma cidade humana, propiciante do ambiente adequado ao convívio dos seus habitantes.

QUESTÃO ADMINISTRATIVA

Seria injusto transferir-se, totalmente, essas funções aos administradores da cidade. Uma série de circunstâncias não permitiram, possivelmente, ao administrador olhar para estes aspectos. Outras prioridades exigiram determinadas obras. O "rush" da transferência na fase pioneira e posteriormente com o advento da Revolução Democrática de 1964, concentrou a maior parte dos esforços na edificação dos prédios públicos para receber os órgãos transferidos em datas programadas e seus funcionários que careciam, numa determinada data, de moradias. De qualquer modo - e aí se justifica - a prioridade a esses setores foi salutar, pois deu à cidade o "status" de Capital, consolidando-a quase que praticamente.

O importante é que, ao longo desses anos de muita faina, não tenha esmorecido o desejo de fazer. Os lapsos, ou possíveis erros, são, todos, susceptíveis de correção, desde que haja inteligência e calor humano pelo ideal proposto.

HUMANIZAÇÃO

A cidade foi implantada e hoje está praticamente consolidada para atingir, na plenitude, a sua finalidade de capital administrativa e política do País.

É uma "urbs". Precisa galgar o estágio de "civitas". Urge humanizá-la.

Este é um grande objetivo final a ser alcançado, doravante. Com o esforço, o trabalho, a inteligência e a dedicação dos homens de hoje, Brasília tornar-se-á uma cidade propiciante ao trabalho

ordenado e eficiente" e ao mesmo tempo "viva e agradável, capaz de tornar-se, além de centro de Governo e Administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do País", na feliz antevisão de Lúcio Costa.

E para humanizá-la, a cidade carece de meios capazes de propiciar à sua comunidade motivações a uma coexistência social através de ambientes adequados ao convívio e a expansão.

Os clubes de vizinhança, as escolas-parque, os campos de feição naturalista e rústica na orla do Lago, os recantos turísticos, os gramados, os jardins, os passeios - estes, são alguns dos veículos motivadores da pleiteada coexistência social dos brasilienses, nas diversas faixas etárias.

CLUBES DE VIZINHANÇA

Caso concretizado o plano de construção dos clubes de vizinhança, todas as faixas etárias seriam atendidas, beneficiando notadamente a juventude e os adultos. Estes parecem ser os mais carentes de ambiência social para a convivência, bem como para a prática de esportes amadores e jogos de entretenimento nas horas livres ou de lazer.

Construídos os clubes de vizinhança, estes poderiam ser administrados por conselhos comunitários, sob a supervisão do Governo do DF. Poderiam até ser mantidos pelos próprios membros da comunidade beneficiada através de uma taxa, que não seria pesada ante o grande número de beneficiários, e cujo pagamento poderia ocorrer através de desconto na taxa de condomínio.

OS ADULTOS

Pelas informações mais correntes, os adultos têm levado, em Brasília, uma vida acentuadamente sedentária. E o tempo do adulto obedeceria a três passos: sentado no gabinete ou salão de trabalho; sentado no carro indo para o trabalho ou voltando para casa; sentado em casa, à noite (...vendo novela na TV) ou sentado, à noite, numa sala de aula (...para ocupar o tempo").

A JUVENTUDE

Os clubes de vizinhança poderiam ser utilizados intensamente pela juventude, a fim de ocupar-lhe as faixas de tempo ocioso com prática de atividades esportivas.

A propósito, a revelação feita não faz muito tempo, na coluna de Ibrahim Sued em "O Globo", de que "80% da juventude de Brasília entre 15 a 21 anos estava viciada em drogas", pode ter sua origem na ociosidade ou na falta de oportunidades para maior ocupação do tempo livre da juventude, o que poderia ocorrer em jogos e competições.

A INFANCIA

Os maiores beneficiados de Brasília são, ainda, as crianças até 10-12 anos, que ocupam bem o seu tempo entre escola-classe, ou residência ou brincando no gramado (onde tem).

O Plano de Brasília, porém, previu para a infância uma complementação aos ensinamentos básicos oferecidos pela escola-classe. Trata-se dos trabalhos manuais, iniciação às artes e atividades de qualificação de mão-de-obra visando despertar potencialidades, além de práticas esportivas. Esta ambiência seria encontrada nas escolas-parque. Lamentavelmente, de todas as escolas-parque previstas, existe apenas uma que foi construída antes da inauguração da cidade e se situa na Asa Sul, nas entrequadras 307/308.

AMBIÊNCIA

Agora a necessidade dos gramados e arvoredos (existem muitos setores comunitários inteiramente desprovidos, entre os quais a Asa Norte e Guará), afloram como pontos altamente salutar para a coexistência social e a humanização de Brasília uma série de potencialidades que as próprias condições do meio físico oferece.

Cita-se, além da orla do Lago Paranoá - uma vez urbanizada e tratada com "bosques e campos de feição naturalista e rústica para passeios e amenidades bucólicas", vários recantos turísticos, em Brasília, que poderiam ser utilizados pelo brasiliense e seus familiares, nos fins-de-semana, e também pelos turistas.

POTENCIALIDADES

Dentre esses pontos, objeto já de estudos e levantamento por setores governamentais, podem ser aproveitados desde que criadas condições propícias, os seguintes: Barragem do Paranoá, Parque do Catetinho, Aguas Emendadas, Ermida de Dom Bosco, Cascata de Sobradinho, Parque do Gama, Cascata do Pipiripau, Lagoa Bonita, Cachoeira do Rio do Sal, Buracão, Cascata da Usina de Saia Velha, Gruta da Fazenda do Rio do Sal, Cascata Guadalupe, Barragem e Cascata do Rio Descoberto - todos dentro da área do Distrito Federal.

As experiências do Parque Nacional de Brasília (Água Mineral) e do Parque Zoológico são bem reveladoras do acentuado interesse do brasiliense por locais onde possa passar horas de lazer e entretenimento nos dias de fim-de-semana.

A uma distância média de 100 quilômetros do Plano Piloto de Brasília, existe uma série de outras potencialidades para um bom recreio num fim-de-semana, ou mesmo para centro de turismo. Essas potencialidades são encontradas nas regiões limítrofes do Distrito Federal e poderiam ser exploradas através de convênio.

Para exemplificar: Lagoa Feia, Pousada das Águas Lindas, Cachoeira do Arrojado, Pedra do Chapéu de Sol, Cachoeira do Itiquira, Lagoa Formosa, Gruta da Fazenda Cuiaá, Buraco das Araras e tantos outros já descobertos.

Estes, são fatores que podem contribuir, direta ou indiretamente, para maior humanização da cidade que, pelo fato de ter nascido artificialmente, carece de meios eficientes para torná-la íntima, acolhedora e atraente pelas oportunidades de convívio e bem-estar que possa oferecer aos seus habitantes.

A NECESSÁRIA AUTO-SUFICIÊNCIA

A par destas circunstâncias de sentido eminentemente social e imediato, uma análise futurológica sugere, já, a Brasília, perspectivas para duas circunstâncias que mereceriam ser cuidadas desde logo, a fim de ir preparando o futuro próximo.

Trata-se da necessária auto-suficiência do abastecimento de determinados gêneros de primeira necessidade e, igualmente, a

auto-suficiência da produção de bens de consumo e de uso prioritário.

O SETOR PRIMÁRIO

Quanto ao primeiro, diz respeito à necessidade de se obter melhor nível de produção e produtividade das mil áreas existentes nos núcleos rurais do Distrito Federal, ocupando um território superior a 50 mil hectares.

Recente publicação expressando pontos de vista de técnicos responsáveis pelo desenvolvimento rural de Brasília alega que "o principal fator de obstrução do crescimento da produção e produtividade da agricultura em áreas do Distrito Federal é a falta de crédito rural, motivada pela inexistência de títulos de propriedade dos locais onde os rurícolas exploram a agricultura".

O Banco Regional, principal financiador de atividades econômicas no DF, tem sido - segundo o economista Rogério Alves - forçado a restringir, bastante, a concessão de crédito rural tendo em vista problemas que ocorrem nos meios ruralistas do Distrito Federal, relacionados com a falta de títulos de propriedade.

E uma publicação técnica, recentemente divulgada, afirma que "a partir da concessão de títulos de propriedade rural em áreas de Brasília, o crescimento da produção no setor poderá atingir cinco vezes o volume atual, pois os bancos oficiais e privados forneceriam crédito aos rurícolas para que eles pudessem adotar as providências necessárias ao aumento das áreas de exploração e produtividade de suas terras".

O atual processo jurídico de arrendamento das terras, embora por prazo bastante longo, trinta anos, com direitos a renovação e sucessão, não dá, apesar disso, aos rurícolas o direito de propriedade. A par da falta de motivação e segurança para aplicação de seus recursos face ao ambiente de insegurança que faz parecer ao rurícola, o atual sistema cria, por outro lado, obstáculos junto aos estabelecimentos de crédito para aqueles que se encorajam a investir.

Este sistema já foi amplamente estudado, tendo Goyá Teixeira opinado pela sua "maléfica influência no processo econômico regional", o que ensejou ao Sindicato Rural de Brasília considerar tal sistemática como uma "insólida conotação de um estagnado panorama socialista dentro de um Estado eminentemente democrático".

Agora estes aspectos, as preocupações do Sindicato Rural em promover o desenvolvimento da produção se fundamenta na própria política agrária do Governo Federal, "que não visa outra coisa senão dar ao homem brasileiro um pedaço de terra que ele possa amanhã, cultivar e amar".

Uma Lei, com data de 1967, já autorizou a alienação; todavia, decreto governamental, também do mesmo ano, impossibilitou a execução da Lei face a razões de ordem técnica.

Ante as circunstâncias que se apresentam e as opiniões que importantes setores técnicos têm expedido sobre a matéria, comportaria um exame ou reexame do assunto para efetivação de medidas, a fim de que Brasília alcance, a curto prazo, um nível de maior auto-suficiência no setor de abastecimento de gêneros de primeira necessidade.

Outro tema também relacionado às perspectivas futuras de Brasília como centro consumidor, cuja população não vai demorar muito a atingir a casa do milhão, é o que se refere à necessária auto-suficiência na produção de bens de consumo e de uso prioritários e serviços essenciais à sobrevivência.

Na implantação do atual Setor de Indústrias e Abastecimento, o processo de venda dos lotes não obedeceu a um padrão ordenado visando a transformar o SIA num centro integrado, industrialmente. Assim é que uma grande maioria de lotes é ocupada por escritórios, depósitos e garagem de empresas, inclusive órgãos da administração pública. Por outro lado, ante a valorização dos lotes, hoje torna-se quase proibitivo o investimento para aqueles que desejem implantar uma nova indústria, principalmente se for de características pequena ou média.

Face ao impasse e tendo em vista a necessária auto-suficiência de Brasília em produzir um mínimo de bens procurados pela população, parece de oportunidade prever-se o futuro, cuidando-se, desde já, do problema. E mesmo porque ele ensejará a oportunidade de absorver, no correr dos anos, com o natural decréscimo da indústria de construção civil, a mão-de-obra que, pouco, estará ociosa no Distrito Federal, gerando um difícil e quase insolúvel problema social.

Uma equipe de técnicos do Governo do DF já estudou o assunto, tendo, através da Codeplan, apresentado um plano para criação de um Distrito Industrial nos arredores de Brasília dentro de condições as mais favoráveis.

Dizer-se que Brasília, como capital administrativa e política do País, não comporta um setor de indústria, é utopia e sofisma. O próprio Plano Piloto de Lúcio Costa prevê e o enfatiza, por mais de uma vez, na sua exposição. O SIA é o exemplo; todavia, não atendeu às finalidades.

PRESENTE E FUTURO

Em resumo, Brasília que, por si, é uma antevisão do futuro, precisa olhar para o seu próprio futuro e da sua comunidade.

Com a criação de bases motivadoras e promotoras da existência social e do bem-estar, a que todos têm direito, Brasília sendo monumental, como será é, será, igualmente, "cômoda, eficiente, acolhedora e íntima", na concepção do urbanista que a planejou e a anteviu "ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional".

E, se caracterizando numa área de segurança nacional por se constituir "o cérebro das altas decisões nacionais", abrigando as figuras mais representativas dos Três Poderes da República, Brasília precisa ser, ao mesmo tempo, auto-suficiente no abastecimento de bens de consumo e de uso prioritário dentro dos seus próprios quadrantes territoriais.

Assim, os homens do futuro hão de recordar os homens de hoje, porque souberam contruir o presente pensando e prevendo o futuro.